Medicina, Direito e Engenharia continuam sendo os cursos mais procurados pelos jovens, apesar do avanço significativo e duradouro das graduações em áreas de tecnologia e de informação; para os especialistas, fatores emocionais e 'peso' do diploma contam bastante

Tecnologia cresce, mas tradição é que ainda faz a cabeça dos vestibulandos

Gonçalo Junior

A carinhosa pergunta "o que você vai ser quando crescer?" recebeu respostas parecidas dos estudantes na última década. Dados do Censo de Educação Superior do Ministério da Educação (MEC), entre 2010 e 2018, mostram que os jovens estão procurando cada vez mais carreiras ligadas às áreas de Tecnologia, como Computação e TI. Mesmo com esse salto, as profissões tradicionais permanecem no topo da preferência e são aquelas com maior número de formados. Dados de 2019 apontam que 48% dos alunos no País estão matriculados em apenas dez cursos.

O cenário é semelhante em universidades públicas de ponta e particulares. Neste ano, na Fundação Universitária para o Vestibular (Fuvest), que seleciona estudantes para a Universidade de São Paulo (USP), os cursos com maior demanda absoluta foram Medicina, Direito, Engenharia, Economia e Psicologia. Já o levantamento da consultoria Educa Insight aponta que em 2018 os cursos particulares com mais alunos matriculados foram Direito, Administração, Enfermagem, Engenharia Civil e Psicologia.

A procura por profissões tradicionais se reflete também no Censo de Educação Superior. Em 2018, o número de matriculados no segmento de Negócios e Direito foi oito vezes maior que os matriculados em Computação. A área de Informação, que envolve Jornalismo e Psicologia na categorização do MEC, ostenta aumento de 120% no número de cursos entre 2010 e 2018. Isso significa que o avanço dos cursos de Tecnologia é significativo, representa onda duradoura, mas não ameaça a soberania dos cursos clássicos.

A estudante Fabyanne Lariza Calazans, de 26 anos, escolheu a Saúde, área tradicional de formação que registra aumento de 83% no número de alunos matriculados entre 2010 e 2018. Atuando há três anos como técnica em enfermagem no Hospital Santa Marcelina, na zona leste, ela está no primeiro semestre. "Eu não sei explicar direito o motivo da escolha. Foi uma vontade que sempre esteve comigo, desde pequena. Sempre quis cuidar e ajudar as pessoas."

O peso da tradição fica evidente quando a lupa está nos formados. Em 2018, o País formou 480 mil profissionais nas áreas de Negócios, Administração e Direito. O número representa mais de 10 vezes os formados na área de Tecnologia e 20 vezes o número dos que pegaram diploma no segmento de Ciências Naturais, Matemática e Estatística.

Ao **Estadão**, a presidente da Microsoft Brasil, Tânia Cosentino, evidenciou a importância de o País se preocupar em resolver a baixa formação de jovens em tecnologia. "Hoje temos no mundo 40 milhões de profissionais de TI (*tecnologia da informação*) e acreditamos que até 2025 vamos precisar de 200 milhões", afirma Tânia.

O estudante Pedro Homem de Melo, de 17 anos, vislumbra ainda uma terceira via nessa balança entre cursos clássicos e tecnológicos: escolher uma profissão tradicional, mas com uma ponta de modernidade. Por isso, ele vai prestar vestibular para Engenharia Elétrica com ênfase em Computação. "Não consigo imaginar minha vida profissional longe dos números", diz.

Para Ocimar Alavarse, professor da Faculdade de Educação da USP, fatores emocionais também fazem adolescentes sonharem com um jaleco branco ou com seu nome precedido da palavra "doutor". "A educação superior, ou ter um diploma, significa ascensão social, mesmo genérica", diz. "A aspiração pela formação ainda é muito grande no País", diz Daniel Infante, sócio da Educa Insights.

● Comparação

"No Brasil, em média 17% dos graduandos estão na área de Exatas, muito abaixo de 24% nos países ricos. Na China, são 40%. Defendemos a programação desde a educação básica. Mesmo que o aluno não vire programador, isso vai ajudá-lo a desenvolver a parte cognitiva em toda a sua vida."

Tânia Cosentino
PRESIDENTE DA MICROSOFT BRASIL

TIAGO QUEIROZ / ESTADÃO

Terceira via. Pedro de Melo, de 17 anos, optou por escolher uma profissão tradicional, mas com ponta de modernidade

Cursos mais novos têm procura 500% maior

Número de programas na área de tecnologia quase triplicou, o que significou um aumento de cerca de oito vezes nas vagas

O avanço dos cursos de tecnologia aparece em vários indicadores. Se você olhar apenas o número de inscritos – os interessados no curso –, o número saltou de 140 mil para 719 mil em dez anos, de acordo com dados do Ministério da Educação. É um aumento de mais de 500%. O crescimento também é significativo entre os alunos que se matricularam de fato em alguma faculdade pública ou privada. Aqui, o salto foi de 35%. Essa alta pressionou as instituições. O número de cursos na área quase triplicou, e houve aumento de quase oito vezes nas vagas.

O cenário não chega a ser totalmente surpreendente, afinal vivemos a era digital. O que chama a atenção é a seta que aponta para o futuro. Estudo desenvolvido pelo Escritório de Carreiras da Universidade de São Paulo (USP) aponta as dez carreiras da próxima década.

"Estamos preparando profissionais que vão exercer plenamente sua profissão em 2030. O contexto que vivemos, de presença da tecnologia em todas as profissões, vai se acentuar. O mundo será cada vez mais tecnológico", diz Antonio Freitas, pró-reitor da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Pesquisa da IBM com 3,8 mil executivos de 20 países aponta que 59% consideram que a pandemia acelerou a mudança. Entre os brasileiros, 51% vão apostar em cibersegurança. "As empresas estão olhando para a transformação digital como algo concreto e atual. Antes, viam como o futuro", diz Alcely Strutz Barroso, líder de Programas Globais para Universidades da IBM na América Latina.

Está aí a pista da principal bússola que influencia a procura por profissões entre os estudantes: o mercado de trabalho. O estudante Kevin Toledo, de 19 anos, ouviu essa voz. Apaixonado por computadores desde criança, ele escolheu o curso de Ciência de Dados e Inteligência Artificial da Pontifício Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E acredita que não terá problemas para conseguir emprego quando se formar como cientista de dados. "A tecnologia só facilita a vida das pessoas", diz.

Empregabilidade. Os bons índices de empregabilidade em cursos estão ligados às parcerias das universidades com grandes empresas. Coordenadores do curso da PUC, por exemplo, dialogam semanalmente com a SAP, Tivit e Oracle, empresas que oferecem estágios, material de treinamento e palestras para os alunos.

E as oportunidades não atraem só quem está saindo do ensino médio. Formado em Administração de Empresas com MBA em Gestão de Mercados, Marcelo Johas decidiu dar uma guinada na carreira aos 32 anos. Hoje, ele está no 3.º semestre do curso Tech da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) e trabalha numa plataforma sueca de campeonatos de e-sports (jogos eletrônicos). O curso é outro exemplo da proximidade com o mercado. "Hoje, formamos estrategistas digitais", diz o coordenador Flávio Azevedo Marques. / G.J.